

**COM O MESMO CALOR DO SOL, COM O MESMO PESO DA
ENXADA: A ATUAÇÃO POLÍTICA E PASTORAL DO PADRE PEDRO
AGUIAR NA CIDADE DE TACAIMBÓ-PE ENTRE OS ANOS 1970 e 1980.**

Adauto Guedes Neto
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA
adautogn@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ultimamente a historiografia tem valorizado o estudo numa perspectiva micro-histórica, distanciando-se das análises estruturais e contribuindo para estudos sobre a temática biográfica, valorizando os atores da história, sobretudo numa perspectiva de a partir do sujeito discutir o contexto em que o mesmo está inserido e se relaciona.

Por isso, são recorrentes os estudos que partem do particular para o geral, no dizer de Ginzburg: o método indiciário, uma espécie de visão microscópica da sociedade e sujeitos nela inseridos. A partir da análise local, busca-se compreender as relações de poder, conflitos, continuidades e rupturas ali existentes, verificando como, nas minúcias do cotidiano se revelam.

Estudos desta natureza podem ser visto em: *O Queijo e os Vermes* de Carlo Ginzburg ou *D. Obá II D'África, o príncipe do povo* de Eduardo Silva. Analisando tais obras, notamos algo em comum entre elas, além do fato de estudarem a vida cotidiana. A utilização da micro-narrativa¹ e a volta das biografias com novas características, ou seja, substitui-se a grande personalidade pelos sujeitos inseridos nos meios populares. A micro-narrativa se estabelece em Ginzburg e Eduardo Silva, quando percebemos Menochio e o alferes Galvão, respectivamente, como objeto de estudo de tais autores. Recentemente (2008), Ronaldo Vainfas publicou *Traição: um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela inquisição*², que narra a vida, os mundos e as traições de Manoel de Moraes, um personagem pouco conhecido da nossa História, uma pessoa comum. Tais perspectivas teórico-metodológicas permitem-nos vislumbrar outro lado

¹ Micro-narrativa, é a narração de uma história sobre as pessoas comuns no local em que estão instaladas. BURKE, Peter. Densificando a narrativa. In: *A Escrita da História*. P.341.

² VAINFAS, Ronaldo. *Traição: um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

dos acontecimentos. Invertendo e ampliando as trajetórias de estruturação da narrativa histórica.

Todo este contexto em que vive a atual historiografia será um dos fatores que provocam em mim, o desejo de estudar a vida de Padre Pedro Aguiar, numa perspectiva política, mas que não deixa de ser social e cultural, e analisar sua atuação pastoral no agreste pernambucano, a partir dos anos 1970 e até os primeiros anos da década de 1980.

Diversos fatores, além das questões historiográficas me influenciaram para fazer um estudo biográfico sobre Pedro Aguiar, dentre eles, a minha curiosidade de pesquisar sobre um Padre que atuou por mais de 20 anos na cidade que vivi toda minha infância e adolescência, na qual cresci com medo do chamado Padre “comunista”, “ignorante” e “intolerante”. Todas as imagens negativas pintadas sobre aquele sujeito durante minha infância me faziam temer até passar em frente à Igreja para não ter que me deparar com o tal “subversivo”. Paraphraseando Górkí³, *“eu me via como uma coméia, aonde várias pessoas como abelhas vinham trazer o mel das suas reflexões”*.

Outras cenas ainda seriam pintadas em minha mente sobre tal sujeito, e iriam contribuir para desfazer todas as imagens negativas que tinha sobre o mesmo, mas a que mais me surpreendeu foi à repercussão da sua morte. A partir de tal momento eu iria começar a compreender um pouco melhor quem fora o Padre Pedro Aguiar, que segundo o Governador Miguel Arraes, transformara-se em uma das dez pessoas mais influentes do Estado⁴, a partir da sua atuação política e pastoral na Região Agreste de Pernambuco.

Aspectos desta atuação, bem como o diálogo com as transformações sociais e políticas do seu tempo, que geram os reflexos inclusive em suas atitudes, dentre outros pontos relevantes para entender a construção deste ser político, serão analisadas no presente artigo.

1. Tragédia ou Mistério?

³ GÓRKI, Marksim. *Infância*. Ed. Cosac Naify. São Paulo, 2007.

⁴ Depoimento de Beth Szilassy em 31 de janeiro de 2009. Entre 1986 – 1987 ocorre a chegada de técnicos da AMAS - Associação Menonita de Assistência Social para acompanhar os trabalhos de Cooperativa, Sindicato e CEBs. Beth trabalha com Pedro Aguiar em Tacaimbó e depois Brejo da Madre de Deus.

Além da mencionada construção da imagem deste homem, na cidade que eu caminho e evito, que tem forte relação com minha infância, a dimensão e comoção que causa a sua morte, faz-me querer compreender um pouco mais o universo de Pedro Aguiar. Estudar a sua trajetória de vida, os conflitos provenientes da sua atuação pastoral, política, o contexto da sua formação como gente e Padre, a relação com a Igreja, dentre outros fatores, estimulam meu interesse, além das inquietações que surgem sobre a causa da sua morte.

Os principais canais de comunicação do estado noticiam a sua morte. Dentre eles, a Rede Globo, o Jornal do Comércio, além do Jornal de Caruaru, Vanguarda.

Naquele momento, percebem-se com evidência, a forte comoção popular em face da morte do referido Padre, através da presença de agricultores (as), admiradores (as), políticos, representantes de movimentos sociais, animadores das CEBs, familiares, dentre outros.

Pedro falece em 16 de abril de 2004, aos 65 anos. As controvérsias que cercam a sua morte talvez tenham dado as razões necessárias para a notícia: mistério, dada pelo Jornal do Comércio.

De fato, a morte de Pedro não foi explicada como queria aqueles que o admirava. Dias depois do acontecimento a Polícia encerrou o caso, alegando como causa da morte, asfixia por afogamento. O Delegado do caso, assim narra a sua morte:

“...O menino que tinha de três para quatro anos que estava no carrinho caiu nesse açude... .O menino⁵ estava brincando próximo ao açude e caiu. A mãe⁶ que não sabia nadar, desesperada pulou, o Padre Pedro, vendo aquela cena pulou também para salvar os dois e por sua idade já avançada não teve força e morreram os três.”ⁱ

Esta é a versão oficial, muito embora seja bastante contestada. Observando a reportagem da TV Asa Branca, que ao mesmo momento que entrevista o Delegado passa imagens do local: o açude em sua casa, local da morte na versão policial, percebemos algo distorcido. No primeiro momento da sua fala, o Delegado fala do

⁵ Vitor Batista Aguiar, 3 anos. Era o filho adotivo de Pedro Aguiar e sua esposa Ivonete.

⁶ Ivonete Nascimento de Aguiar (40 anos), esposa de Pedro Aguiar.

carrinho se referindo a um carrinho de bebê, dizendo que “o menino estava no carrinho”, mas a imagem mostra um carrinho de brinquedo. Em outro momento, o Delegado se contrapõe às imagens e adianta a possibilidade da causa da morte:

“Depois que o perito criminal fez os exames no local, ele nos informou de que havia grande possibilidade de ser afogamento. A Delegada⁷ também já nos dizia que tinha um carrinho de bebê ali junto, tinha uma pasta, Enfim, havia muitas possibilidades de ser afogamento.”⁸

As pessoas que foram entrevistadas neste trabalho, nenhuma acredita na versão policial, que é a versão oficial, e algumas acharam estranho a rapidez com a qual o caso foi dado por encerrado, mesmo antes dos resultados da autópsia feita em Pedro Aguiar, cuja família não recebeu nenhuma resposta do resultado. O documento da Perícia Tanatoscópica, nº 389/04, descreve como conclusão – causa da morte, asfixia por afogamento e consta uma observação: foram colhidas vísceras para exame toxicológico; provavelmente havia alguma desconfiança de envenenamento, mas no referido documento tal hipótese é desconsiderada.

Na mesma reportagem citada acima, de acordo com a Polícia Técnica e o IML: “não havia sinal de violência nos corpos e que por isso descarta a hipótese de homicídio”.

O irmão de Pedro, Sr. Tomás é entrevistado pela TV Asa Branca e ainda antes do resultado da investigação policial, acreditava em assalto: “Já foi assaltado outras vezes aqui. E agora vieram e com certeza não encontraram dinheiro e aí mataram ele, o casal e o menino.”⁹

Outro entrevistado na mencionada reportagem dar outra conotação para a causa da morte de Pedro:

“Todo aquele que tem uma opção preferencial pelos pobres está indo de encontro aos poderosos. Então conseqüentemente por esta questão

⁷ Bela. Helga de Oliveira. Delegada de Polícia de Brejo da Madre de Deus.

⁸ Fala do Delegado IN: Reportagem do Programa ABTV da TV Asa Branca – Rede Globo Nordeste; de 17 de abril de 2004.

⁹ Fala de Sr. Tomás Aguiar, irmão de Pedro IN: Reportagem do Programa ABTV da TV Asa Branca – Rede Globo Nordeste; de 17 de abril de 2004.

*de ir de encontro aos poderosos, é ... o repórter interrompe: poderia está incomodando alguém? – Poderia não! Ele incomodava, em nome de Cristo!*¹⁰

São vários os depoimentos, assim com o que consta acima, que associa a morte de Pedro a crime político, devido seu trabalho de intervenção social e de articulação com as camadas populares em prol da sua organização.

É a partir de tais depoimentos, que ligam a figura de Pedro Aguiar a atividades políticas e sociais, segundo alguns, fato provocador da sua morte, predominante para o desenvolvimento da pesquisa sobre a qual busco analisar a atuação política e pastoral do Padre Pedro Aguiar, especialmente em Tacaimbó-PE entre os anos 1970 e 1980.

2. Libertação versus Repressão.

No início dos anos 1970, Pedro Aguiar assume a paróquia de Tacaimbó. Esta cidade do agreste pernambucano, situada a 169 km da capital Recife, é palco de uma forte atuação pastoral e política, ambiente de muitos conflitos entre a Igreja e o poder político local.

A ida de Pedro Aguiar para Tacaimbó é uma conquista dos seminaristas que se instalam na cidade em 1969.

No início de 1969, o Seminário Regional do Nordeste resolveu correr o risco de dar cobertura e orientação a uma experiência de tipo novo. Nove seminaristas de diversas dioceses, autorizados pelos seus respectivos bispos, projetaram viver alguns anos numa região rural. (...) Repartiram-se em dois grupos, um de quatro pessoas e outro de cinco. O primeiro instalou-se em Tacaimbó, município do Agreste pernambucano, situado a 170 km do Recife. O segundo foi viver em Salgado, município do Agreste paraibano, situado perto de Itabaiana a 80 km de João Pessoa e a 130 km do Recife.

¹⁰Depoimento de entrevistado IN: Reportagem do Programa ABTV da TV Asa Branca – Rede Globo Nordeste; de 17 de abril de 2004.

Os dois grupos constituíram um programa de vida em que a parte da manhã era reservada aos trabalhos de agricultura, a parte da tarde ao estudo e a noite aos trabalhos apostólicos. (COMBLIN, 1977, p. 09)¹¹.

O grupo de seminarista que fora a Tacaimbó foi: João Firmino, Francisco das Chagas, João Moura e Raimundo Nonato, depois chegaria Frei Enoque Salvador. Estes seminaristas solicitam ao Bispo Dom Augusto Carvalho, a ida de Pedro Aguiar para Tacaimbó e o mesmo concederá, numa demonstração de apoio às perspectivas de trabalho pastoral que será realizado pelos seminaristas e por entender as afinidades existentes entre o Padre e os seminaristas, uma delas, a ligação com o campo, com os agricultores; Pedro, por ser de origem camponesa e os seminaristas por terem uma atuação pastoral muito ligada ao homem do campo. Ambos, Padre e seminaristas, tinham a mesma formação teórica, ligada às idéias do Concílio Vaticano II.

Sobre a presença dos Seminaristas na cidade de Tacaimbó, vejamos o que nos conta o Seminarista Raimundo Nonato¹²:

“A ideia de ir para o interior do Estado, saindo da capital, era a ideia de buscar um diálogo novo com a população, sobretudo com os camponeses, com os agricultores... A formação que a gente tinha em Recife, era uma formação sacerdotal influenciada positivamente pelo Concílio Vaticano II que se iniciou em 1962, e até 1969 quando fomos para Tacaimbó, houve realmente muita energia, muita vontade de mudança... O Seminário Regional do Nordeste, onde estávamos estudando, a ideia era de evangelização popular, era de formar Comunidades Eclesiais de Base, no meio popular, quer urbano, quer rural.”¹³

¹¹ COMBLIN, José. Teologia da Enxada. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1977. IN: GUEDES NETO, Adauto. **A História das Comunidades de Base em Tacaimbó nas décadas de 1960 e 1970.** (monografia de especialização em Programação do Ensino da História). Belo Jardim, 2003, p. 29.

¹² Natural de Limoeiro, Raimundo Nonato de Queiroz, destaca-se como um dos mais atuantes seminaristas na cidade de Tacaimbó entre 1969 e 1982. Formado em Teologia e Filosofia, assume a cadeira de Cultura Religiosa na FAFICA entre 1977 e 1980. Publica em 1996 o livro: Como ser eficaz em grupo pela Ed. Paulus e atualmente, acumula as funções de Conselheiro Tutelar na cidade de Serra Redonda-PB e Membro do Conselho Administrativo da Fundação Dom José Maria Pires na mesma cidade.

¹³ Entrevista concedida em 07 de março de 2009, no Centro de Formação Missionária, na sede da Fundação D. José Maria Pires. Serra Redonda – PB.

Esta iniciativa de trabalho que relaciona as atividades pastorais às atividades do campo, teoria e prática, na intenção de sentir de perto as dificuldades do agricultor, o sofrimento da população, no dizer de Nonato: “*com o mesmo calor do sol, com o mesmo peso da enxada*”, é entender melhor a sociedade; pensar alternativas para as dificuldades existentes e elaborar os estudos teológicos; Nascia assim, a Teologia da Enxada¹⁴ e Tacaimbó foi a primeira cidade no agreste pernambucano a conhecer esta nova experiência.

A atuação pastoral de Pedro Aguiar em Tacaimbó realiza-se em comunhão com os seminaristas e tem diferentes métodos para aproximar-se da população e construir junto com ela uma melhor compreensão do ambiente político, social e cultural de onde vivem. Um desses métodos, era a Rádio Bitury. Um sistema de som com a utilização de alto-falantes, que contribui para a comunicação da Igreja com a comunidade local. Através desta Rádio, os membros da Igreja, o Padre, os seminaristas e os leigos, davam seus avisos sobre os dias e horários das missas, seja quando acontecia na Matriz, seja quando iria acontecer na zona rural. Normalmente tais avisos se davam aos sábados, por ser dia de feira, sendo um momento de reunião de pessoas da cidade e da zona rural. A Igreja localiza-se no centro da cidade, local onde acontecia a feira e isto facilitava a comunicação.

A Rádio Bitury, através do programa semanal: *a voz dos cristãos de Tacaimbó*, é bastante utilizada também como meio de esclarecer ao povo as causas de conflitos com o poder político da cidade e informar sobre temas como: o que é Comunidade Eclesial de Base, o que é Teologia da Libertação, dentro outros temas com o mesmo teor, além de articular através do referido sistema de som as festas promovidas pela Igreja, dentre elas, a festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade.

Sobre a Festa de Santo Antônio, comemorada no dia 13 de junho, destacaremos uma das primeiras atitudes de Pedro Aguiar contra os indivíduos que exercem o poder em Tacaimbó, políticos, fazendeiros, comerciantes, que se utilizavam da festa para se promoverem. Todos os anos, a festa de Santo Antônio tinha um patrocinador. Quem fazia a festa eram os políticos da cidade ou pessoas interessadas na conquista do poder

¹⁴ A "Teologia da enxada" é uma prática teológica bem colada à experiência religiosa popular feita no interior da formação de futuros agentes e ministros rurais, orientada por teólogos do extinto Instituto Teológico do Recife: J. Comblin, S. Gameleira, I. Gebara, e outros. (Panorama da Teologia da América Latina nos últimos anos. LIBÂNIO, J. B.).

político municipal. Pedro Aguiar quando assume a paróquia de Tacaimbó, muda o caráter da festa, que deixa de ter um único patrocinador, deixando de ser uma festa de cunho privado para ser uma festa pensada e realizada para e com a comunidade, rompendo com a tradição. Daí o início dos leilões, através de doações feitas por membros da comunidade, agricultores e demais seguimentos carentes da população. Desta maneira, juntamente com o povo, a Igreja conseguia os recursos necessários para a realização das festas, sem nenhum tipo de promoção pessoal. A festa saía então do domínio privado para o domínio das comunidades, a comunidade do salgado, a comunidade do sítio Trapiá, a comunidade do sítio Boa Vista e outros.

Os “poderosos” da cidade não irão querer perder este espaço de promoção pessoal e vaidade e, uma forma de resistência será a prática de tais festas promovidas por eles na zona rural. Esta questão da festa e a construção das casas populares pela Igreja em mutirão com a população, serão os primeiros pontos de divergências e que culminarão nos conflitos envolvendo a Igreja e o poder político local.

As tentativas de desqualificar a atuação da Igreja em Tacaimbó, que se inicia com a chegada dos seminaristas na referida em cidade em 1969 e continua com as atividades realizadas por Pedro Aguiar nas décadas de 1970, 1980 e início da década de 1990, serão constantes. E, entre os anos 1960, 1970 e início dos anos 1980, a maneira que o poder político local encontrará para colocar a população contra as atividades realizadas por Pedro Aguiar, a frente da Igreja de Tacaimbó, é a de associar a Igreja a grupos de vândalos contrários ao governo, isto é, subversivos, comunistas, palavras utilizadas em tom pejorativo.

De fato, as atividades da Igreja rompem com os padrões tradicionais, provocando na elite política da cidade, receio de perder espaço político, pois a aproximação do Padre, dos seminaristas e da Igreja como um todo à comunidade local, sobretudo da camada carente desprovidas de recursos próprios para sobreviver, irão aumentar quando da articulação na cidade e no campo com o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base. As comunidades serão a prática da Teologia da Libertação, ou seja, a realização de atividades que ocorrem no cotidiano, atividades estas, políticas e pastorais¹⁵, na intenção de colaborar para a libertação do povo que

¹⁵ “Numa perspectiva de fé, o que move, em última análise, os cristãos a participar na libertação dos povos oprimidos e das classes sociais exploradas é a convicção da radical incompatibilidade das exigências evangélicas

sobre com a seca, com a falta de trabalho, pensando e realizando meios alternativos de sobreviver¹⁶, desvinculando-os, sobretudo da dependência dos políticos; e isto gera conflitos.

Este caráter progressista de proceder em Tacaimbó teve seus opositores representados pelos políticos locais e que estavam afinados ao governo militar. Através deles, perceberemos a presença de tal governo na cidade. Seja através da idéia do desenvolvimento, marca econômica do regime militar, seja através de um estilo conservador e truculento de administrar e fazer política, adotando como já fora citado, discursos pejorativos para com integrantes da Igreja, na intenção de afastar a comunidade local do contato com as idéias libertárias, presentes na fala e na ação de Pedro Aguiar e sua equipe.

Dentre os políticos que se destacam na cidade por suas obras de desenvolvimento, inserido no contexto da idéia de progresso difundida pelos presidentes militares, destaca-se em seus dois mandatos (1965-1969) e (1974-1977), o Prefeito Carlos Leite Barros.

Irmão do Deputado Estadual Francisco de Assis Barros, eleito Prefeito pela ARENA, partido do regime militar, Carlos Leite promoverá transformações na cidade e as suas convicções políticas o colocarão em choque com a Igreja local.

Gozando de uma boa relação com os poderes conservadores constituídos no Estado de Pernambuco, realizará obras em diferentes setores da cidade, que associadas a uma prática clientelista, o fará um político popular, dominando o cenário político tacaimboense por duas décadas, 1960 e 1970.

Dentre estas obras, uma delas ocorre no centro da cidade que por seu local criará forte repercussão na cidade, sobretudo nas camadas de maior poder aquisitivo. Estou me referindo a reforma da Praça Francelino Araújo, em seu primeiro mandato.

A reforma da referida praça no centro da cidade, inaugura a fase de desenvolvimento que contribuirá para a permanência de Carlos Leite por vinte anos no comando do Poder Executivo Municipal.

com uma sociedade injusta e alienante. GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1986, p. 123.

¹⁶ Capacitações e cursos de tecelagem, cursos para os artesãos da cidade, revestimentos de barreiros na zona rural, construções de cisternas, apoios financeiros junto à SUDENE: Projeto São Vicente, dentre outros.

Conseguir recursos para a cidade e construir obras, tais como: escolas, postos de saúde, praças, dentre outras, eram necessárias para que as práticas de opressão não se tornassem evidentes, e para que o mesmo se mantivesse no cenário político por duas décadas, tendo em vista que a prática do poder não se mantém através de práticas visíveis de violência, mas, sobretudo na troca de favores, no dar e receber, numa espécie de violência simbólica no dizer de Pierre Bourdieu. Empregar as pessoas na Prefeitura em troca de apoio político, doar remédios a pessoas carentes, o carro para socorrer o doente, são alguns exemplos.

Na relação prefeitos e funcionários, uma das práticas de violência que mais nos chamou atenção, foi esta relatada por um ex-funcionário da prefeitura:

*“O prefeito nos obrigava a comprar em sua padaria¹⁷. No final do mês era descontado em nosso salário. Caso nossas despesas fossem maiores do que tínhamos prá receber, pagaríamos trabalhando nas terras dele dois, três dias, lá na sua fazenda, no poço do Barão”.*¹⁸

Ou seja, os empregos, o salário pago, nesta prática do poder, não eram parte constituída do poder público, mas pertencia ao chefe do poder executivo. O prefeito torna-se dono da prefeitura, dos recursos, das obras e ocupam todas as dimensões do espaço público, numa espécie de poder hegemônico que se constituem através dos nomes das ruas, das praças e das escolas. As primeiras escolas da cidade e que depois viria a ser estaduais, inauguradas pelos prefeitos Carlos Leite e Francisco Quirino respectivamente, recebem o nome de seu irmão, Francisco de Assis Barros e do seu pai, José Leite Barros.

Mas, como já destacamos, tais práticas de violência eram esquecidas tendo em vista a quantidade de obras inauguradas em Tacaimbó neste período, fato que convencia a sociedade local que a cidade estava em rumos certos, seguindo as trilhas do progresso, pois como analisa Roberto Machado:

“o poder não se sustenta apenas reprimindo, excluindo, mascarando, mas se utilizando de formas sutis, sofisticadas para aprimorar e domesticar

¹⁷ Na verdade a mencionada padaria, pertencia ao pai de Carlos Leite, o senhor José Leite Barros.

¹⁸ Entrevista concedida a mim, em 15 de janeiro de 2009 por um ex-funcionário que preferiu não se identificar.

*o corpo dos indivíduos. Sua positividade reside na capacidade de neutralização dos efeitos de contrapoder, isto é, de tornar os homens dóceis politicamente”.*¹⁹

Ou seja, o controle da política local é maquiada com a construção da idéia de benefícios promovidos pelos governantes, seja através das realizações de obras, como as já descritas, seja através das “eternas” doações de alimentos, roupas, remédios, dentre outros. Práticas que formam no meio popular a passividade e adoração necessária para a manutenção do poder. Através da construção positiva do político, posto em atitudes de violências não percebíveis pelo povo, os governantes conseguem exercer a influência necessária sobre funcionários ou a elite local e colocá-los contra os membros da Igreja. Daí, por exemplo, a imagem que mais irá se configurar sobre Pedro Aguiar na cidade, é a de agitador, subversivo e comunista.

A partir das análises mencionadas, começo a compreender os motivos dos medos que sempre nutri na infância pelo referido Padre.

Pedro Aguiar também sofreu com as perseguições policiais na cidade devida sua atuação pastoral. O mesmo descreve um destes momentos:

*“Eu mesmo, depois de uma missa chegou um policial querendo falar comigo. Não sei mais o nome e que função exercia. No meio da praça levantou a camisa, mostrou um revólver e disse-me: isto aqui é para calar a sua boca e deixar de falar de polícia e de seu tratamento dado aos bêbados que eram presos. Eu levantei minha camisa, mostrei minha cintura sem arma e disse: nossas armas são outras. Não derramam sangue, mais incomodam e doem na consciência e é por isso que você está agitado. Trate bem os outros que a dor passa”.*²⁰

¹⁹ MACHADO, Roberto. IN: ADILSON FILHO, José. **A cidade atravessada: velhos e novos cenários na política belo Jardimense**. Ed. Comunigraf, Recife, 2009, p. 35.

²⁰ Entrevista realizada por GUEDES NETO, Adauto. IN: **A História das Comunidades Eclesiais de Base em Tacaimbó nas décadas de 1960 e 1970** (monografia de especialização em Programação do Ensino da História). Belo Jardim, 2003, p. 30-31.

Em outro momento, o seminarista Nonato descreve outro tipo de situação:

*“Fomos visitados pela Polícia Federal. Eles nunca se apresentavam como policiais federais. Agente percebia, naturalmente, mas eles não se apresentavam como Polícia Federal. Era uma verificação, porque muitos vereadores na Câmara falavam de comunistas, subversivos. Para ser subversivo não precisa muita coisa não”.*²¹

Podemos perceber o quanto está presente em Tacaimbó, as características do contexto que envolve os conflitos políticos em escala nacional, no nosso caso, especificamente, o confronto entre as atividades da linha progressista da Igreja, protagonizado de maneira direta ou indireta entre o Padre Pedro Aguiar, maior representante desta postura adotada pela Igreja Católica, que tem na figura de Dom Hélder Câmara em Pernambuco e no Brasil, uma das principais lideranças e Carlos Leite, que durante este período atua como prefeito ou chefe do grupo político dominante na cidade, ao qual representa por suas características de atuação, as forças conservadoras que comandam o país.

A atuação política de Pedro Aguiar, através de uma evangelização que liberta em Tacaimbó como pudemos perceber é dividida com as comunidades e especialmente com as atividades dos seminaristas, principalmente pelo fato de Pedro também ser responsável pela coordenação pastoral da Diocese de Caruaru, tamanha a confiança adquirida pelo Bispo D. Augusto, e isto o obrigou em alguns momentos se afastar de Tacaimbó motivado pelas assembléias e reuniões coordenadas por eles em outras cidades. Dentre tais atividades, podemos citar o de coordenador do grupo Irmãos em Ação, inspirado no movimento de evangelização, encontros de irmãos, liderados por Dom Hélder Câmara

“Este movimento de encontro de irmãos chegou a ter um boletim que servia de elo de comunicação entre os diversos grupos. Alguns afirmam

²¹ Entrevista concedida em 07 de março de 2009. Serra Redonda – PB.

ser este movimento uma das matrizes para as Comunidades Eclesiais de Base que se formaram e se fortaleceram por todo o Brasil.”²²

A atuação pastoral de Pedro Aguiar tem um teor político muito forte, pois promovem através de estudos sobre a Teologia da Libertação, momentos de reflexão social e práticas de resistências, estabelecendo um conflito entre a Igreja e o poder político locais, pois, conforme analisa Gutiérrez:

“A denúncia da injustiça implica a repulsa da utilização do cristianismo para legitimar a ordem estabelecida; implica ainda, de fato, que a Igreja entre em conflito com os que detêm o poder.”²³

É pela crença na libertação do pobre, do oprimido, que Pedro Aguiar dedica a sua atuação pastoral. Não existe liberdade sem luta, conforme diz Gutiérrez:

“Conceber a história como processo de libertação do homem é perceber a liberdade como conquista histórica, é compreender que a passagem de uma liberdade abstrata a uma liberdade real não se realiza sem luta”.

Pedro Aguiar demonstrou acreditar na força histórica dos pobres, em sua capacidade através da reflexão de pensar/agir, encontrar meios alternativos para sobreviver. Não é por acaso que a música mais cantada nas suas missas e a que mais gostava de cantar estão relacionados a esta temática, conforme destacamos em trecho abaixo:

*“Eu acredito que o mundo será melhor,
Quando o menor que padece,
acreditar no menor.”²⁴*

²² SILVA, Severino Vicente da. **Entre o Tibre e o Capibaribe: os limites da Igreja progressista na arquidiocese de Olinda e Recife**. Ed. Universitária da UFPE, Recife, 2006, p. 182.

²³ GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1986, p. 108.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise que propusemos no referido trabalho, foi tentar do particular conhecer as relações de poder presentes entre o local e o global, destacando a impossibilidade de produzir um estudo biográfico linear e coerente sobre a vida de quaisquer atores históricos, pois conforme nos ensina Bourdieu:

*“A noção sartriana de ‘projeto individual’ somente coloca de modo explícito nos ‘já’, ‘desde então’, ‘desde pequeno’ etc. das biografias comuns ou nos ‘sempre’ (sempre gostei de música) das histórias de vidas. Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido do ponto de partida, de início, mas também de princípio, e razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo”.*²⁵

Tentamos evitar, a busca de um ser, cujo destino teria sido traçado a partir de uma ligação constante de passado/presente. Pelo contrário, a análise sobre a vida de Pedro Aguiar ou sobre sua atuação pastoral aqui presente, passeia o tempo todo por vários elementos que nos faz a partir dos discursos e repercussão da sua morte, poder compreender o contexto e a diversidade que cerca a sua vida, marcada por conflitos, sobretudo entre a Igreja e o Estado, muito embora tal conflito não tenha sido institucional, fazendo-nos enxergar microscopicamente aspectos do mesmo numa cidade do interior de Pernambuco, já que através da história de vida aqui analisada, podemos discutir diversos conceitos tais como: Teologia da Libertação, Teologia da Enxada, CEBs, Ditadura Militar, violência simbólica, dentre outros, através de vários indícios, sinais e sintomas²⁶.

²⁴ Eu acredito. **Cartilha das Comunidades**. 2ª edição, p. 44.

²⁵ BOURDIEU, Pierre. **A Ilusão Biográfica**. IN: Usos e Abusos da História Oral. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (ORG). 5ª EDIÇÃO. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2002..

²⁶ “A abordagem micro-histórica dedica-se ao problema de como obtemos acesso ao conhecimento do passado, através de vários indícios, sinais e sintomas”. LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. IN: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Editora UNESP, São Paulo, 1992.

Provavelmente não tenhamos esgotados todos os indícios e sinais necessários para uma melhor compreensão e interpretação do nosso estudo, e por isso, algumas lacunas existem afinal, conforme afirma François Dosse, *as pessoas não são totalmente transparentes, nem para elas mesmas e a opacidade torna-se um obstáculo.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADILSON FILHO, José. *A Cidade Atravessada: velhos e novos cenários da política belojardinense*. Recife, Comunigraf Editora, 2009.

BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante*. Petrópolis, Ed. Vozes. 1981.

BURKE, Peter (org) *A escrita da História: novas perspectivas*. SP. Ed. UNESP. 1992.

COMBLIN, José. *Teologia da enxada*. Rio de Janeiro. Vozes. 1977.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo. EDUSP, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org). *Usos e Abusos da História Oral*. 5ª Edição. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2002.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

GÓRKI, Maksim. *Infância*. São Paulo. Editora Cosac Naify, 2007.

GUEDES NETO, Adauto. Monografia: A História das Comunidades Eclesiais De Bases em Tacaimbó nas décadas de 1960 e 1970. Especialização em Programação do Ensino da História. FABEJA, 2001.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 6ª edição, 1986.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo. Ed. Contexto. 1992.

SCHMIDT, Benito Bisso (org). *O Biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2000.

SILVA, Eduardo. *Dom Obá II d`África, o príncipe do povo: vida tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

SILVA, Severino Vicente da. *Entre o Tibre e o Capibaribe: os limites da Igreja progressista na Arquidiocese de Olinda e Recife*. Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. *Traição: um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
